

Atividades em sala de aula

Ruth Ribas Itacarambi

Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP). Educadora aposentada do Instituto de Matemática e Estatística da USP. Coordenadora do Grupo Colaborativo de Investigação em Educação Matemática. Professora de curso de pós-graduação em Educação Matemática.

E-mail: acarambi@alumni.usp.br

*a alfabetização não é um jogo de palavras; é a consciência reflexiva da cultura, a reconstrução crítica do mundo humano, a abertura de novos caminhos [...]. A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra¹ A ação dos indivíduos é orientada, e muitas vezes só é possível, por meio das instituições, sempre tendo como pano de fundo os princípios estruturais da sociedade, como as questões de ordem política, econômica e jurídica. [...] Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social [...]*²

A organização das atividades dessa edição tem como centro a discussão sobre literacias como meios de compreensão e de ação individual e coletiva, num mundo de complexidades, onde as tecnologias de informação e comunicação, os seus conteúdos e efeitos adquirem um papel central. Para discutir este tema propomos a leitura do artigo “Literacias para a Cidadania Global” de Isabel Maria Ribeiro, presente nesta edição.

Ainda sobre esse tema, trazemos a questão da *media literacy* e a discussão conceitual sobre o termo, que, dependendo da tradução para o português, é entendido como “alfabetização para os meios”, o que implica considerar que o cidadão seja “alfabetizado” para depois atuar. O mesmo sentido reducionista estaria embutido no termo “educação para os meios” ou “educação para a mídia”. O artigo “#HoraDeVotar: uma experiência de *media literacy* durante o ensino remoto”, de Adriana Barsott, Barbara Emanuel e Rachel Bertol, apresenta como proposta, citando Martino e Menezes, compreender *media literacy* como “competência midiática”. A noção de “competência” entenderia a relação dos indivíduos com a mídia como processos articulados e não separados.

O artigo “A educação midiática, diálogos e práticas possíveis com crianças no ambiente educacional da favela”, de Thaiane Moreira de Oliveira e Lumárya Souza de Sousa, dá continuidade à reflexão na qual são apontadas

1 FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 11.

2 ALMEIDA, Sílvia Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020. p. 29, 38.

as percepções midiáticas das crianças a partir das formas como elas relacionam, utilizam, consomem e entendem as mídias, mostrando como essa relação é permeada por invisibilidades e disputas.

O próximo tema objeto de nossa atividade é Comunicação Popular e Comunitária, tendo como referência o artigo “Diálogo em Paulo Freire nas interfaces com a comunicação popular e comunitária e a pesquisa participante”, de Cicilia M. Krohling Peruzzo, Ingrid Gomes Bassi e Carlos Humberto Ferreira Silva Junior. O artigo discute a questão do diálogo em Freire, como base do processo de comunicação e, em interação com outros autores, fazendo interrelações entre Comunicação e Educação, em especial na Comunicação Popular e Comunitária no contexto dos movimentos sociais e na pesquisa participante.

Na mesma linha de reflexão, trazemos o artigo “Imagem Institucional de Universidade Comunitária: arquétipos no inconsciente coletivo da comunidade”, de Hans Peder Behling, Regina Celia Linhares Hostins, Mayara Bonin Ramose Vagner Luis Bazzanello, estudo sobre a indagação entre a forma como as universidades comunitárias comunicam seus atributos comunitários e a imagem percebida pelos seus públicos. O objetivo geral é analisar a imagem institucional de uma universidade comunitária na visão do público interno e externo.

Na perspectiva da universidade, abrimos uma janela para a questão do racismo estrutural que é tratada no artigo “Inovação ativa em jovens negros universitários: o trabalho crítico emancipatório na construção de identidades”, de Thainá Rocha da Silva e Priscila Ferreira Perazzo. O artigo apresenta dados de uma pesquisa sobre como os jovens universitários negros constituem suas identidades e cidadania na sociedade midiaticizada e o potencial das Oficinas de Trabalho Crítico Emancipatórias como instrumento metodológico de pesquisas no campo da Comunicação.

O artigo “Naruto, um artista ou um intruso na aula de arte? Interferências de memórias audiovisuais no discurso criativo da criança ao desenhar”, de Isac dos Santos Pereira e Maria Ignes Carlos Magno, fecha as atividades dessa edição. O artigo trata de compreender as produções gráficas das crianças como objetos de arte no contexto contemporâneo, e também de entendê-las como *status* documentais/memórias da Arte/Educação.

As atividades dessa edição estão organizadas nos seguintes temas:

- Literacias como meios de compreensão, de ação individual e coletiva;
- *Media literacy*: uma discussão conceitual e a educação midiática;
- Comunicação popular e comunitária;
- As universidades: o racismo estrutural e universidades comunitárias;
- A educação midiática e as produções gráficas das crianças.

1. PRIMEIRA ATIVIDADE: LITERACIAS COMO MEIOS DE COMPREENSÃO, DE AÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA

A atividade relaciona os argumentos que levam à defesa da literacia para uma cidadania global, propósito do artigo “Literacias para a Cidadania Global”, de Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha, que descreve o entendimento de ler o mundo, como capacidade de buscar, agregar e interpretar informação, a partir de múltiplas fontes e dispositivos.

A atividade é destinada aos alunos e professores de graduação que trabalham com formação de professores, em especial os da Comunicação e da Pedagogia.

Organizamos a atividade na seguinte sequência didática:

1) Propor que os alunos pesquisem em artigos acadêmicos publicados na internet o significado de: alfabetização, letramento, literacias e *literacy*, registrando a fonte. Comparar os diferentes significados, contextualizando-os.

2) Discutir os diferentes significados na sala de aula ou grupos de estudos, registrando as ideias abordadas num arquivo pessoal próprio. Observação: o arquivo deve ser criado numa pasta do computador ou celular.

3) Propor a leitura da introdução do artigo onde a autora apresenta sua posição sobre a literacia e sua gênese (origem). Pedir que os alunos registrem as ideias da autora, no seu arquivo.

4) Comparar as ideias da autora abordadas nos temas: Literacia e Literacias e Para uma Literacia global, com as noções pesquisadas, registrando no seu arquivo.

5) Fazer a leitura do tema: Ler o mundo, com destaque para os seguintes itens apontadas no artigo.

5.2) A consciência de uma cidadania global tem uma genealogia histórica, mas a sua atualidade, advém da transversalidade da informação e do reconhecimento de causas comuns agregadoras dos cidadãos...

5.3) Observe que tanto em economias controladas pelo estado, como na China, como em economias abertas, as designadas *Big Tech* são aquelas que não só têm maiores lucros como chegam a um maior número de consumidores/utilizadores.

5.4) Tal como refere a Unesco no documento “Think Critically and Clic Wisely” a prioridade das democracias deverá ser a promoção de uma cidadania ativa capaz de informar decisões individuais com repercussões globais.

5.5) A cidadania global implica uma compreensão do mundo crítica e criativa, que coloque em questão o modo de vida proposto pelo capitalismo [...]

5.6) No ecossistema complexo do século XXI, estas aprendizagens, direcionadas a todos os grupos etários e sociais, requerem um novo conceito de literacia, expresso numa alfabetização sofisticada para conteúdos e informação [...] (grifo meu).

Retomar as noções de literacia registradas no item 3 e discutir em grupo.

6) Discutir segundo a autora as formas de estar dos cidadãos nas redes sociais, a partir dos três pontos apresentados no artigo:

6.1) No primeiro nível de literacia estão os alicerces da alfabetização, uma aprendizagem que envolve as atividades de ler, escrever, calcular e contar.

6.2) O segundo nível de literacia reivindica a aquisição de competências específicas que promovam o empoderamento.

6.3) O terceiro nível de literacia é entendido como capacidade de projetar, com base em informação e na articulação de modelos mentais, cenários próximos e futuros.

2. SEGUNDA ATIVIDADE: MEDIA LITERACY, UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL

A atividade trata da questão da *Media literacy* e a discussão conceitual sobre o termo *media literacy*, seu sentido reducionista presente nas interpretações das diferentes traduções. O artigo, “#HoraDeVotar: uma experiência de *media literacy* durante o ensino remoto”, de Adriana Barsott, Barbara Emanuel e Rachel Bertol, apresenta como proposta, citando Martino e Menezes, compreender *media literacy* como “competência midiática”. A noção de “competência” entenderia a relação dos indivíduos com a mídia como processos articulados e não separados.

A atividade é destinada ao cidadão comum, que tem como referência de sua ação as mídias sociais e, em particular, aos educadores.

Propomos a seguinte dinâmica para a reflexão:

1) Discutir a questão da falta de informação do cidadão, em particular, na época da pandemia, tratada no tema Desinformação e *media literacy*, do artigo “#HoraDeVotar: uma experiência de *media literacy* durante o ensino remoto”.

2) Apresentar algumas confusões conceituais sobre *media literacy* a partir de fundamentos abordados no artigo, citando Martino e Menezes, que chamam a atenção para a confusão conceitual que o termo *media literacy* pode provocar, a depender da tradução, e trazem a noção de competência midiática.

3) Analisar com o grupo a visão de Bauer apresentada no artigo, que além de tratar da competência inclui quatro aspectos: habilidade; capacidade; responsabilidade e comprometimento moral.

4) Propor a leitura do tema #HoraDeVotar, que, segundo as autoras, reuniu três disciplinas obrigatórias da grade curricular de Jornalismo – Jornalismo para Plataformas Digitais, Oficina de Radiojornalismo e Planejamento Visual Gráfico – em um projeto de ensino de jornalismo digital multidisciplinar durante o ensino remoto, com foco em *media literacy*.

5) Identificar na pesquisa apresentada o papel de cada disciplina envolvida e seus produtos como: a produção das reportagens; a produção dos podcasts e a produção das imagens.

6) Ler as considerações finais do artigo e discutir a sua conclusão:

– A partir dos depoimentos, avaliações e entrevistas, foi possível concluir que nosso propósito de contribuir para o desenvolvimento das competências midiáticas dos alunos foi atingido.

3. TERCEIRA ATIVIDADE: COMUNICAÇÃO POPULAR E COMUNITÁRIA

A Comunicação Popular e Comunitária, tema dessa atividade, tem como referência o artigo “Diálogo em Paulo Freire nas interfaces com a comunicação popular e comunitária e a pesquisa participante”, de Cicilia M. Krohling Peruzzo, Ingrid Gomes Bassi e Carlos Humberto Ferreira Silva Junior. O artigo discute a questão do diálogo em Freire como base do processo de comunicação, fazendo interrelações entre Comunicação e Educação. É uma pesquisa bibliográfica e documental, motivada pela comemoração dos 100 anos de nascimento de Paulo Freire, que problematiza a relação das ideias do educador na tentativa de valorizar o compromisso ético e dialógico da Comunicação.

Apresenta as seguintes ideias como questões para o estudo:

- As relações entre Comunicação e Educação facilitam a constituição do diálogo, tanto nos ambientes da educação formal quanto no contexto dos movimentos sociais populares brasileiros;
- O diálogo é uma questão transcendental e indissociável das práticas educativas;
- O diálogo pode ser entendido como ação-reflexão que valoriza a participação dos sujeitos – como sujeitos – na construção do conhecimento;
- No contexto do negacionismo das ideias humanistas, a retomada da obra de Freire, em nível nacional e internacional.

As questões foram adaptadas para a atividade: propomos que os participantes do estudo desse artigo façam sua leitura identificando as questões selecionadas acima, contextualizando-as no texto e registrando-as no seu arquivo pessoal do computador ou celular, além de:

1) Promover a discussão dos registros no grupo, criando um arquivo comum para o estudo;

2) Fazer a leitura do tema: Reflexão-ação comunicativa nas práticas sociais mobilizadoras e educativas, do artigo, enfatizando os seguintes pontos:

– No conjunto da sociedade, a cultura dialógica não é predominante. Na construção de uma sociedade democrática, a sua ausência no cenário político e ideológico brasileiro atual dá espaço à cultura do ódio por parte de segmentos da extrema-direita, o que dificulta o estabelecimento de uma cultura propícia ao diálogo.

– A história registra que nada é permanente nem imutável, como mostra o fim da Ditadura Militar (1964-1985), mas que, na fase de sua superação, ensinaram-se vivos processos dialógicos que possibilitaram novas formas de organização e de mobilização social cidadã pela democracia, já nos anos 1980.

– A comunicação assume várias feições – da comunicação cara a cara, interpessoal e grupal àquelas mediadas pelas tecnologias, além de meios tecnológicos que concretizam formas de expressão em diferentes linguagens....

3) Como fechamento da reflexão sobre o artigo, recomendamos a leitura do tema “o diálogo” na produção do conhecimento científico, lembrando que o diálogo é a ferramenta essencial para se fazer entender, mas principalmente para entender a realidade que envolve os sujeitos que compõem.

4. QUARTA ATIVIDADE: COMUNICAÇÃO POPULAR E COMUNITÁRIA

As universidades e a questão do racismo estrutural tratada no artigo “Inovação ativa em jovens negros universitários: o trabalho crítico emancipatório na construção de identidades”, de Thainá Rocha da Silva e Priscila Ferreira Perazzo, que apresenta dados de uma pesquisa sobre como os jovens universitários negros e negras constituem suas noções de identidade e cidadania na sociedade midiaticizada.

Além disso, o artigo “Imagem Institucional de Universidade Comunitária: arquétipos no inconsciente coletivo da comunidade”, de Hans Peder Behling, Regina Celia Linhares Hostins, Mayara Bonin Ramos e Vagner Luis Bazzanello, estudo sobre a forma como as universidades comunitárias comunicam seus atributos comunitários, analisando a imagem institucional de uma universidade comunitária na visão de seu público.

A atividade é destinada aos professores e alunos das universidades públicas e comunitárias, além de professores e alunos do projeto Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Quanto às universidades e o racismo estrutural, vamos começar com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2016), que mostra que 54% da população brasileira se autodeclara negra ou parda; de todos os universitários do país, aproximadamente 35% são pretos ou pardos. O Instituto Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em 2020, em pesquisa divulgada no site da Agência Brasil no mesmo ano, também mostra que apenas 18% dos jovens negros entre 18 e 24 anos do país estão estudando ou concluíram o ensino superior, contra 36% dos jovens brancos da mesma faixa etária.

Propomos que os participantes da atividade consultem os sites utilizados no artigo e analisem os dados em relação à população de universitários e de jovens do EJA do Brasil. Para pesquisar os dados do EJA propomos o site.

Selecionamos o quadro

Quadro 1: Matrículas da EJA por segmentos de 2016 a 2020

	2016	2017	2018	2019	2020
Ensino Médio (EJA 3º Segmento)	1.376.639	1.425.812	1.437.833	1.336.085	1.252.580

Consultando os dados, verificar quantos desses 35% de jovens pretos ou pardos vêm da escola pública ou dos cursos de EJA. Segundo os dados, na EJA do ensino básico, percebe-se que estudantes identificados como pretos/pardos são predominantes. “Pretos e pardos representam 74,9% do EJA fundamental e 68,1% do EJA médio em relação à matrícula dos alunos com informação de cor/raça declarada”.

A temática da pesquisa, que subsidia o artigo, gira em torno do racismo sofrido pela população negra no Brasil. Propomos conceituar o racismo estrutural e o racismo institucional, na perspectiva do professor e jurista Sílvio Luiz de Almeida, cuja citação está presente na abertura dessa edição.

A pesquisa utiliza como instrumento metodológico a Oficina de Trabalho Crítico-Emancipatória (OTCE) para a coleta de dados. Ler no artigo como o instrumento foi utilizado e os resultados obtidos. Quanto às universidades comunitárias, começar conhecendo as universidades comunitárias existentes no Brasil, por meio de pesquisa na Internet e anotando a região onde elas se situam.

Escrever as características das universidades comunitárias, ou seja, seus objetivos, patrimônio, o público-alvo etc. Identificar as diferenças em relação às universidades públicas e as universidades do setor privado. Para isso ler o tema: O cenário da educação superior no Brasil e o seu subitem: As universidades comunitárias, do artigo.

Discutir a percepção que os alunos, professores, funcionários e familiares têm da universidade comunitária (UCX), na leitura das considerações finais do artigo, selecionamos duas percepções:

1) A percepção de pública ou privada, “privada” apareceu em 45% das respostas, contra 29% “neutro” e poucas respostas como “pública”. Isso mostra que, embora haja um grande sentimento de coletividade e proximidade com a comunidade, no que tange aos processos educacionais e pagamento de mensalidades, a característica que predomina é de universidade privada.

2) O principal grupo arquetípico da UCX é “social” com 49% dos resultados. Isso demonstra a tendência para a vida em sociedade, para a conexão com outras pessoas e para o medo da rejeição. Essa tendência fica evidente principalmente nas respostas relacionadas aos familiares associados à UCX.

5. QUINTA ATIVIDADE: A EDUCAÇÃO MIDIÁTICA E PRODUÇÕES GRÁFICAS DAS CRIANÇAS

A atividade traz considerações sobre as percepções midiáticas das crianças de uma escola pública da favela carioca, crianças entre 9 e 12 anos de idade. Trata-se de uma pesquisa cujos resultados apontam para indivíduos já letrados midiaticamente, tanto no sentido crítico quanto produtivo das mídias, e que reivindicam por espaços dialógicos que os reconheçam enquanto sujeito. O artigo de referência é “A educação midiática, diálogos e práticas possíveis com crianças no ambiente educacional da favela”, de Thaiane Moreira de Oliveira e Lumárya Souza de Sousa.

Em contraponto à reflexão teórica de Arte/Educação, a partir da produção gráfica de crianças do ensino fundamental I, com vistas a compreender suas produções como objetos de Arte à época da comunicação audiovisual, tendo como tema a animação *Naruto*, Estudo presente no artigo “Naruto, um artista ou um intruso na aula de arte? Interferências de memórias audiovisuais no discurso criativo da criança ao desenhar”, de Isac dos Santos Pereira e Maria Ignes Carlos Magno.

A atividade é destinada aos professores do ensino fundamental e, em particular, aos professores que trabalham com Arte/Educação neste segmento. Organizamo-las com as seguintes ações: propor a leitura do artigo “A educação

mediática, diálogos e práticas possíveis com crianças no ambiente educacional da favela”, enfatizando o objetivo:

O objetivo deste trabalho é compreender em que medida as relações, o consumo e os usos que as crianças fazem das mídias se manifestam nas suas próprias interpretações e significados do mundo, em meio a um contexto de representatividade marginal e estigmatizada.

Visa-se também discutir por que as autoras consideram o contexto dessas crianças como de representatividade marginal e estigmatizada e analisar a execução do projeto que é apresentado em três etapas: mapeamento de interesses, oficinas de ferramentas comunicacionais e oficinas de cidadania midiática.

Podemos também comparar como o cenário de invisibilidades apontados pelas autoras e apresentado no texto, o que, segundo elas, compõem a “tríade de invisibilidades”, ou seja, uma invisibilidade referente à posição ocupada pela criança na sociedade, uma que se refere a escola pública e outra ligada aos estereótipos da favela.

Como contraponto desta reflexão e no sentido de trazer possibilidades para as invisibilidades das crianças propomos a leitura do artigo sobre Arte e Educação: “Naruto, um artista ou um intruso na aula de arte? Interferências de memórias audiovisuais no discurso criativo da criança ao desenhar”:

1) Discutir que não existe uma criação repentina, mas um longo processo de contato com o meio externo, de internalização de experiências, consolidação de memórias e do manusear de formas.

2) Que a animação *Naruto* não coloca seus consumidores em posição de meros receptáculos diante da profusão das mensagens, mas atribui-lhes a função de consumir e dialogar criticamente. Para constatar esta afirmação sugerimos que assistam criticamente alguns episódios da animação *Naruto*.

3) Como conclusão do estudo, os autores consideram que o educador de Arte ou qualquer outro professor que se aventure pelo campo da Arte/Educação, da mediação do desenho criativo infanto-juvenil deve estar ciente que os movimentos, as cores, as formas e toda a sorte de materialidades se consolidam como memórias significativas, se articulam e criam ações, consequentemente, novos atos e objetos criativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.

BRASIL. **Documento referencial para implementação das diretrizes operacionais de EJA nos estados, municípios e Distrito Federal**: Resolução CNE/CEB nº 1, de 28 de maio de 2021. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2021.

COSTA, Gilberto. Cresce total de negros em universidades, mas acesso é desigual. **Agência Brasil**, Brasília, DF, 20 nov. 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-11/cresce-total-de-negros-emuniversidades-mas-acesso-e-desigual>. Acesso em: 19ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARREIRO, Davi. **Educação de jovens e adultos – EJA**: Entenda o perfil predominante dos alunos. Planneta Educação, São José dos Campos, 26 ago. 2021. Disponível em: <https://www.plannetaeducacao.com.br/portal/jovens-e-adultos/a/452/educacao-de-jovens-e-adultos—eja-entenda-o-perfil-predominante-dos-alunos>. Acesso em: 2 nov. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MENEZES, José Eugenio de O. Media literacy: competências midiáticas para uma sociedade midiaticizada. *Líbero*, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-18, 2012.

POPULAÇÃO chega a 205,5 milhões, com menos brancos e mais pardos e pretos. **Agência IBGE de Notícias**, Rio de Janeiro, 24 nov. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18282-populacaochega-a-205-5-milhoes-com-menos-brancos-e-mais-pardos-e-pretos>. Acesso em: 22 abr. 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. São Paulo: Boitempo, 2014.

SOLANO GALLEGÓ, Esther (org.). **O ódio como política**: reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.